

POLÍTICOS pedem demolição do Palácio dos Azulejos: se dependesse da vontade dos políticos, o Palácio dos Azulejos, monumento arquitetônico da cidade, teria sido demolido em 72. *Correio Popular*, Campinas, 14 jul. 1991.

Políticos pedem demolição do Palácio dos Azulejos

Se dependesse da vontade dos políticos, o Palácio dos Azulejos, monumento arquitetônico da cidade, teria sido demolido em 72

Nesta cidade onde a construção de passagens subterrâneas ligando prédios que estivessem frente-a-frente foi autorizada em 1957, muitas e significativas alterações ocorreram somente no papel. O Palácio dos Azulejos é um exemplo bem característico do quanto um discurso político é capaz de interferir ou não na realidade. Inscrito no Livro de Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em novembro de 1967, o Palácio dos Azulejos teria sido demolido se dependesse da vontade dos políticos.

Enquanto a Prefeitura ainda funcionava neste prédio construído na época da Campinas Imperial e o Palácio dos Jequitibás estava em construção, mesmo sabendo do tombamento já se traçava planos para que o local tivesse outras características.

Em 1972 a polêmica estava acirrada, e os vereadores pediam a derrubada do prédio, que esta-

va "caindo aos pedaços" e colocava em risco a integridade física dos funcionários do Departamento de Águas e Esgotos em funcionamento no local.

Uma ampla e moderna praça pública deveria ser construída ali. "Melhorando consideravelmente o aspecto central da cidade", já que a hipótese de sua restauração devia ser descartada, pois exigiria o dispêndio de uma fabulosa importância, segundo o vereador Lindenberg da Silva Pereira, ardente defensor do destombamento do Palácio dos Azulejos. Um ano depois os defensores deste patrimônio histórico lavraram um tento: a construção deveria ser preservada.

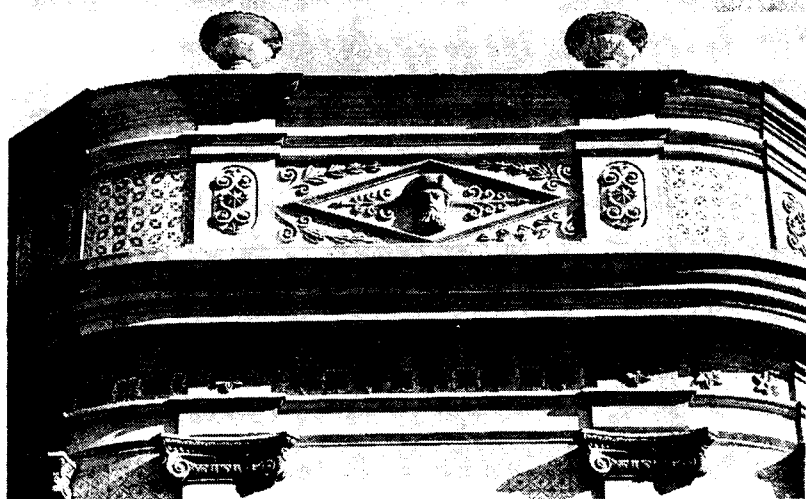
Mesmo assim, as discussões não estavam encerradas. Campinas tinha idéias revolucionárias para conviver com o tombamento de um prédio, mas não com a área envoltória que igualmente deveria ser preservada. O cha-

NELSON CHINALIA

mado "pequeno e nobre zoneamento especial" era um plano elaborado pelo arquiteto Fábio Penteado, a pedido do então prefeito Lauro Péricles Gonçalves, e trazia soluções que agradariam não apenas Campinas mas muitas outras cidades, pois previa a convivência harmoniosa entre o patrimônio tombado e a modernidade a ser erguida ao seu redor.

Se os planos do prefeito Lauro Péricles tivessem sido cumpridos, o Palácio dos Azulejos restaurado ficaria situado numa ampla e moderna praça, que englobaria dois quarteirões: aquele onde está o prédio e o outro onde funciona a agência de Correios e Telégrafos. A grande praça ganharia também um edifício de 12 pavimentos, com fachada projetada para contrastar com o prédio tombado que funcionaria como museu. Nos diversos andares do edifício seriam instalados cinema, biblioteca, agência postal central e outros organismos públicos e privados, de maneira a transformar a praça num dos maiores centros de concentração de massa da cidade, nos setores de cultura, arte, prestação de serviço e lazer.

Ao completar 100 anos, em 1978, o Palácio dos Azulejos recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) sinal verde para ser restaurado. O local, após a restauração deveria se transformar numa área agradável, funcionando como atrativo para os turistas. Mas o processo de restauração ao invés de turistas atraiu muitas opiniões contraditórias e até que chegasse ao ponto atual, diversas acusações de desfiguração da edificação foram feitas.



Detalhes imperiais marcam o prédio do Palácio dos Azulejos



Fachada do Palácio dos Atulejos: projetos "revolucionários" que, mais uma vez, ficaram no papel